

instrumento vem lidando sempre com uma hipótese de que para se desenvolver a ciência no Brasil é preciso remanejar recursos. Ou seja, falta uma efetiva política de ampliação da capacidade do Brasil produzir ciência. A questão não é remanejar recursos, mas conseguir mais recursos de modo a se poder sustentar o que se vem fazendo, bem como ampliar as condições de produção de conhecimento e tecnologia para as diversas regiões brasileiras.

Para a continuidade do estudo do diretório de grupos de pesquisa do CNPq decidiu-se estudar especificamente bancos de dados relativos à área de Ciências Humanas e Sociais. Para isto procurou-se partir de uma análise da questão das bases de dados bibliográficos tomada como metáfora da memória científica. Dentro desta base analisaram-se bases de dados da área de ciências humanas, o que servirá de elemento de comparação para a análise do Diretório do CNPq. A análise indica como estas bases de dados mostram uma predominância de informações de outros países que não o Brasil, o que vem reforçar a posição de que é necessário desenvolver bases de dados nacionais que permitam a reconstrução de cenários e conhecimentos relativos à realidade brasileira como forma de se poder melhor trabalhar as políticas

científicas no Brasil. Neste sentido o Diretório de Pesquisa do CNPq vem cumprir este papel e é instrumento fundamental de política científica, e não simplesmente um registro e retrato da pesquisa brasileira. Está-se estudando agora como a organização dos dados de ciências humanas neste Diretório se configura como um instrumento específico nas políticas do CNPq.

Uma outra análise desenvolvida diz respeito à Fapesp. Decidiu-se tomar como entrada para estas análises um documento em que a Fapesp apresenta uma certa história de seu modo de fomentar a pesquisa - *Vigor e Inovação na Pesquisa Brasileira*. Pode-se ver como a Fapesp acaba produzindo um argumento sob a forma da descrição e do relato: a) Fazer ciência exige uma formação de pesquisadores, esta formação a Fapesp já fez; b) isto a levou a um salto para o campo do que é a efetiva produção científica, os projetos temáticos; c) este salto preparou as instituições de São Paulo para um definitivo salto, os megaprojetos, como o do Genoma. Esta argumentação da FAPESP, como forma de contar sua história, constitui como sentido de ciência, as ciências experimentais, ou no mínimo, que as ciências experimentais devem ter prioridade no fomento, principalmente se através dos megaprojetos.

Se no caso do CNPq, sua política indica para um concepção de ciência como tecnologia, que se alia a uma concepção meramente utilitária de tecnologia, no caso da Fapesp vê-se um desvio um pouco diferente - aponta-se para o científico como ligado ao tecnológico, mas fica consignado um lugar do tecnológico não meramente como o utilitário, mas como o experimental. São duas formas de significar as ciências humanas e sociais como de algum modo fora do domínio da ciência (ou no mínimo do fomento).

2 Cobertura de Ciência na Mídia Regional

Quanto à análise do corpus da semana da SBPC em 1998, a partir da constatação da baixa cobertura dada pela mídia nacional ao evento, como as análises de 1999 mostraram, pareceu importante buscar analisar o comportamento da mídia local. Ou seja, em que medida a ciência não é notícia para a grande mídia mas o é para a imprensa local do Rio Grande do Norte. E ainda em que medida isto não está ligado mais à questão do Estado em que se deu o evento e menos ao fato de ser ciência ou não. A pesquisa em 2000 procurou inicialmente reunir material da imprensa local no período do evento, notadamente nos grandes jornais - *Diário de Natal/O Poti* (principal jornal de Natal), *Tribuna*

do Norte, *Gazeta do Oeste* (Mossoró).

Pode-se ver como em um jornal como a *Gazeta do Oeste* a cobertura da SBPC não é grande, e se limita a tomar a SBPC como um acontecimento em que certos protestos ao governo foram feitos. Já o *Diário de Natal* traz uma sessão especial denominada SBPC com notícias da e sobre a reunião. Nos dias que antecederam a Reunião a sessão tinha uma página e nos dias da reunião quatro páginas, o que mostra uma grande diferença relativamente à cobertura da mídia nacional.

Para procurar melhor entender o funcionamento da mídia, nestas coberturas, foram determinados os estudos de duas questões que podem ajudar nessa reflexão, a análise do modo como a mídia diária nomeia as seções dedicadas à divulgação científica, e o modo de presença da cobertura específica sobre ciências humanas na imprensa, que as análises de 1999 mostraram ser significadas diferentemente das ciências da vida e exatas, confirmando, aliás, em certa medida, hipóteses feitas no texto do projeto. Estas análises estão em andamento no momento.

Ainda sobre a Semana da SBPC de 1998, estão sendo analisados os minicursos dados durante a Reunião, segundo o programa do evento. Ou seja, procura-se ver como a própria SBPC configura no

seu programa a questão da divulgação do conhecimento produzido. Estes minicursos são considerados aqui como espaços de divulgação de ciência, diferentemente de conferências, mesas-redondas, comunicações, que são vistas como atividades de circulação do conhecimento para as comunidades específicas, ou interessadas na própria produção do conhecimento ou tecnologia.

Quanto ao trabalho de análise da mídia deu-se continuidade à análise do comportamento da mídia relativamente ao tema da ciência e tecnologia no conjunto da imprensa brasileira.

3 As Oficinas de Trabalho

Todos trabalhos das oficinas tiveram continuidade. Ressaltamos aqui atividades desenvolvidas, como a *Enciclopédia das Línguas do Brasil*, *Revista ComCiência*,

Curso de Jornalismo Científico e Pequena Enciclopédia da Cidade.

Estes trabalhos têm mostrado que a divulgação de conhecimentos das ciências humanas pode ser altamente formador, inclusive para aqueles que fazem o trabalho de divulgação. Estes trabalhos, de um lado, têm mobilizado conhecimentos produzidos em outros projetos já realizados ou em andamento e já levaram a novos projetos que tiveram inclusive aprovação de órgãos de Fomento. Este é o caso do Projeto *Endici (Enciclopédia Discursiva da Cidade)*, que foi aprovado no final de 2000.

Informações mais detalhadas sobre estas oficinas podem ser encontradas nas notícias que seguem do Laboratório de Estudos Urbanos e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo.